

## PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

## Grafite

Estive na exposição “Do not think” (“Não pense”), no Künstlerhaus Bethanien. Parada diante do trabalho “What lies beneath” (“O que se encontra por baixo”), do artista Brad Downey, sem mais nem menos, fui abordada por um rapaz com a pergunta: “Você entendeu o que está vendo?” Na hora fiquei meio desconcertada, mas reagi: “Acho que sim, mas se você quiser explicar melhor, vou gostar.” Só fui descobrir com quem estava falando após chegar em casa e fazer uma busca na internet. Era Adrian Nabi, o curador da exposição, autoridade máxima da *street art* na Alemanha.

Ele queria saber se eu havia percebido que essa obra era de Brad Downey e não o que a mídia local chamava a “redescoberta de um Banksy original” após oito anos debaixo de camadas de tinta. Devido à cobertura de imprensa com foco no nome do *superstar* do grafite e não no contexto da exposição, “Do not think” teve um grande número de visitantes e fez pensar.

O inglês Banksy, que talvez dispense apresentações, é o grafiteiro mais famoso do mundo, mesmo sem nunca ter mostrado o rosto. Sua marca registrada são estênceis. No ano passado, lançou o filme “Exit through the gift shop”, indicado ao Oscar 2011 de melhor documentário, tornando-o ainda mais conhecido.

Brad Downey foi um dos cinco escolhidos para a primeira edição da Bisar, uma residência artística bastante específica, com temática de arte e skate. Para criar “What lies beneath”, ele se apropriou de um mural grafitado por Banksy em 2003 para o evento Backjumps. Brad precisou de três meses para recuperar e restaurar o mural em um trabalho que fala da natureza da arte na rua, cujo destino é desaparecer mais cedo ou mais tarde.

Além de ser um paraíso para os grafiteiros, Berlim vem atraindo turistas interessados em grafite. Os mais informados descobrem rapidamente aonde ir. Para os visitantes menos preparados, há guias como o “Adidas urban art guide” na internet ou para smart phone.

Intervenções feitas nas ruas fazem parte do cenário da cidade e da vida dos passantes. Mas existem escondidos que somente *insiders* conhecem. Dia desses, Vitor Garcia, um artista acrobata amigo que reside em Wedding e há anos acompanha os rastros dos grafiteiros, me mostrou uma dessas quebradas: uma área com várias garagens pintadas. “Incrível, você registra um trabalho e, no dia seguinte, ele pode não estar mais lá”, comentou Vitor durante a aventura que nos levou a atravessar o rio e pular uma cerca com a sua cachorrinha Menina. “Esta cerca é novidade, semana passada não estava aqui”, disse. Imagino que o terreno tenha sido vendido e que essas garagens serão colocadas abaixo e transformadas em edifício.

Com suas inúmeras fachadas de prédios e paredes anti-incêndio — aquelas sem janelas porque ficavam encostadas aos prédios vizinhos que foram bombardeados ou demolidos após a queda do muro — pode-se dizer que Berlim é uma das cidades mais cotadas para se grafitar. Kreuzberg, Mitte, Prenzlauer Berg, Neukölln e Wedding são as principais áreas de ação dos grafiteiros. Alguns dos nomes mais presentes na

cidade são Nomad, Vhils, Owys, Alias, MTO, Just e El Bocho. Os brasileiros Osge-meos e o italiano Blu também passaram por aqui.

Além de estênceis, desenhos e letras, vê-se também muitos cartazes e adesivos. Os chamados *cut-outs* — formas recortadas em madeira ou papelão que depois são coladas na paredes, estilo típico do americano ABOVE, também estão por aqui. São setas de madeira apontando para cima, algumas pintadas, outras com fotos de estrelas de Hollywood, como a de Berlim com Jack Nicholson na “moldura”.

Os pichadores, ou *writers*, são especialistas em letras. Na maioria das vezes, eles riscam com pincel atômico o seu nome e o da sua *crew*, o que se chama *tag*. Outros pintam com spray linhas e contornos formando letras na superfície, ou *bombing*. Espalhar *tags* e *bombings* na cidade é marcar território.

Nos anos 1980, uma forte cena de grafiteiros já despontava do lado ocidental da cidade, sobretudo em Kreuzberg. Contudo, a cena local

### A cena local do grafite veio a explodir com a queda do muro, em 1989

do grafite veio a explodir com a queda do muro, em 1989. Adrian Nabi, figura que inspirou esta coluna, foi um dos que mais contribuíram para isso. Há mais de 20 anos na área, Adrian foi o responsável pela criação da “Back-

jumps live issue”, um projeto que começou com uma revista em 1994 e se transformou em 2003 em um grande evento da arte de rua e seus derivados, com *workshops*, caminhadas guiadas e exposições no programa. A trajetória de Adrian é superinteressante. Ele não é grafiteiro. Com 16 anos, se juntou à turma do hip-hop. Em pouco tempo, tornou-se empresário de vários artistas e idealizador de um dos eventos de arte urbana mais importantes do século. Foram quatro edições “e meia” desde 2003. A primeira teve artistas como Akim & ZAST, Victor Ash, Delta, Erosie, HuskMitNavn, Nomad & Mis Riel, Swoon, WK Interact, Zedz, Brad Downey & Darius Jones e Banksy. Foi para esse evento que Banksy grafitou “Every picture tells a lie” no Künstlerhaus Bethanien. As outras foram em 2005, 2007 e 2009. Em 2010 houve uma edição reduzida, para o público infanto-juvenil. Alguns participantes ao longo desses anos são Jonone, Mode2, Neon, Brad Downey & Darius Jones, Akim, The London Police, Zevs, Try One, Hesht, osge-meos, Blu, Dave the Chimp, Victor Ash, Daniel Tagno, Zevs, Matthias Wermke, Mischa Leinkauf, Pigenius Cave, Ritsche Koch, Zasd e Christian Marien.

Neste ano não acontece. Mas Adrian Nabi já pensou no conceito para a edição #5. Pode ter certeza de que vem coisa boa por aí.